

Espiritualidade ACI | Caderno III

José Luís Martin Descalzo

(Retirado do prólogo de *Palabras a Dios y a los hombres*)

Características de Santidade

EM

SANTA RAFAELA MARIA



ESCRAVAS DO SAGRADO
CORÇÃO DE JESUS

Títulos disponíveis nesta colecção

1. Um caminho, uma vida: história de Santa Rafaela Maria – *Margarita Agustí, a.c.i.*
2. Características humanas de Santa Rafaela Maria – *Eduarda Barata, a.c.i.*
3. Características de Santidade em Santa Rafaela Maria (Tirado do Prólogo de *Palabras a Dios y a los hombres*), *José Luís Martín Descalzo*
4. Santa Rafaela Maria e a Eucaristia – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
5. A Eucaristia, espaço de Reparação – *Nurya Martinez-Gayol, a.c.i.*
6. A Reconciliação na vida de Santa Rafaela Maria – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
7. Escrever a minha história só na mente de Deus – *Angeles Mera, a.c.i.*

Santa Rafaela não é, certamente, «mais uma freira», e, se não fosse um atrevimento, diria que também não é «mais uma santa». Pela graça de Deus, as vicissitudes da sua vida foram de tal ordem e aproveitou-as de tal forma até ao extremo que é difícil que os homens e as mulheres de hoje encontrem um modelo parecido, nessa subida à santidade que aos cristãos de hoje nos parece tão irremediavelmente a pique. Pergunto-me se os espanhóis, ou até as próprias Escravas, têm consciência da profundidade deste poço misterioso que é a alma de Santa Rafaela, da intensidade desta testemunha de Deus que tivemos quase ao nosso lado, com qualidades – e peço desculpa se a alguém lhe parece exagerado – que a põem lado a lado com Teresa de Jesus ou Catarina de Sena, como guias espirituais e como realizações pessoais de santidade.

Mesmo do ponto de vista do interesse humano, novelístico, a aventura espiritual da Madre Sagrado Coração (Santa Rafaela Maria) é apaixonante, pelos acontecimentos por que passou e mais ainda pelo calibre de alma com que o fez.

O lento caminhar para a santidade

É muito frequente, entre os cristãos, que se cultive uma visão da santidade que tem muito pouco de realista: é a da «madeira de santidade», como se os santos tivessem nascido predestinados, empurrados para a santidade pelo seu próprio carácter, deixando-se levar sem qualquer dificuldade.

Não houve nada disto em Santa Rafaela, pelo contrário: a santidade aparece como uma montanha alta e escarpada que um ser humano como qualquer outro, feito da mesma madeira, vai subindo com o duplo esforço da sua vontade e, sobretudo, da Graça de Deus. Rafaela não é santa na sua primeira adolescência. Vai crescendo com os anos, dominando

dia-a-dia o seu amor-próprio, aprendendo com as suas falhas; sempre guiada, isso sim, pelo desejo de santidade – que aparece em cada degrau da sua subida – mas caminhando através de horas escuras, de vacilações, de pequenos descansos, com momentos de dor profundamente humanos, com uma ou outra oscilação, de que normalmente se arrepende na carta seguinte.

E é precisamente isto que torna a sua figura exemplar, sobretudo quando o adelgaçamento espiritual se produz através de três décadas de humilhação, desconhecimento e silêncio. Teria Rafaela Maria chegado à santidade se não tivesse existido a grande tempestade dos anos 91-93? É algo que de que nunca teremos a certeza. O que sabemos é que aquela prova foi o grande trampolim espiritual da sua vida. «Quem a Deus quer chegar, por lanças há-de passar», dizia Santa Teresa. E Santa Rafaela passou por um verdadeiro exército de lanças e facas...

O Seu estilo de Santidade

Sabemos muito bem que «na casa de Deus há muitas moradas» e que na história da santidade existiram muitos estilos e caminhos. Quais seriam as dez coordenadas que, de alguma maneira, poderiam definir a Madre Sagrado Coração? Perdoe-me o leitor por me atrever a entrar nesta aventura.

1) **Paixão por Deus**

O mais típico e singular de Santa Rafaela é que a sua santidade vai, como uma seta, direitinha ao centro, ao Amor. O que a caracteriza não é uma série de actos fervorosos ou de virtudes mais ou menos cultivadas. O centro, o que dá sentido a tudo, é o seu amor a Deus, ou, para sermos mais exactos, a sua «paixão por Deus». Há em Rafaela o que é típico de todos os apaixonados: esse entusiasmo, essa alegria, esse fervor, essa

sensação de plenitude de quem ama e é amado, que a faz irromper em magníficas hipérboles, em pequenas explosões quando fala do seu amado, do seu esposo. As citações teriam de ser agora infinitas. Recordo algumas: «Demos todo, todo o coração a Deus, sem ficar com nada, porque é muito pequeno e Deus é muito grande; e não lho demos enrugado, mas roliço, totalmente cheio de amor a Ele e não a nós próprias» (121). «Deus conduz-nos pela Sua mão, Madre, e a Providência d'Ele é palpável. Mesmo que estivéssemos sempre prostradas a dar graças, nunca Lhe pagaríamos tudo o que Lhe devemos» (271). A uma religiosa que viu pela primeira vez o mar em Cádiz, diz: «Já imaginava quanto ia gostar de ver o mar. Que onnipotência, a de Deus! Que felicidade ter um Deus tão grande! E a esse Deus imenso, havemos de possuí-Lo completamente por toda a eternidade e agora temo-Lo no Santíssimo Sacramento e vem todos os dias ao nosso coração. Isto sim que é um mar sem fundo!» (304).

Este amor a Deus é para ela uma fome, uma sede, um *edema* que não lhe permite descansar: «Então não amas tanto a Deus como querias e pensas que a culpa é da tibieza das nossas orações? Não, filha, não é isso; é que já tens o edema do amor e quanto mais te enches do fogo que te enviamos mais fome tens de Deus, porque aos doentes deste tipo, como aos da água, acontece que quanto mais bebem mais sede têm. Pede, minha querida, que eu seja contagiada por esta doença, de tal maneira que nunca possa afastar os meus lábios da divina fonte do peito sagrado» (175).

Em Santa Rafaela, nada disto é mera retórica. Ela sabe muito bem o preço que é preciso pagar por esse amor. A alegria só vem depois da entrega: «Acredite, Madre, que não há felicidade maior que destruir a própria vontade e apoiar-nos só na vontade divina. Desde que comeci a trilhar este caminho estou muito bem e muito serena» (336).

Daí que a purificação no amor seja uma constante da sua vida: quando faz cinquenta e oito anos «possivelmente vazios – afirma – na presença do Senhor», pede-Lhe que a «liberte de tudo o que é terra e que me encha

bem, mas muito bem, de tudo o que tem peso ali aonde espero ir, apenas pela misericórdia de Quem já me concedeu tantas nesta vida» (577).

Por isso fica tão impressionada com os santos em Roma: «Quando se vêem tantos exemplos práticos dos santos, aqui em Roma, sente-se vergonha do pouco que se faz por Deus e crescem os desejos de trabalhar – e de que todos façam o que puderem –, com a Sua graça, para mostrar que, mesmo sendo débeis, somos da mesma natureza dos santos, e que a semente ainda não se perdeu» (287).

A santidade: é sempre esta a sua obsessão. Uma «santidade que não consiste só em amores, mas em obras, e quanto mais de sacrifício melhor» (308). Uma santidade que é preciso procurar pela pura ânsia de generosidade para com Deus, «mesmo que não se nos dê nenhum prémio, apenas pelo gosto de O amar e de O servir» (29); uma santidade «sem consolos, sem doçura, sem nenhuma sedução, só pela nobreza de servir a um Senhor tão digníssimo de ser servido» (86).

Nada disto, pensa Rafaela, é impossível com a ajuda do Esposo. Ele é o «*tapa-faltas* das Suas esposas; isto, claro, se elas tiverem bons desejos» (86). Na verdade, toda a nossa vida «fê-la Ele sozinho, por isso é só a Ele que temos de agradar» (191). E é preciso viver entusiasmadas, porque «o que o Coração de Jesus faz com as Suas filhas é de perder a cabeça» (216). Por isso, é preciso segui-Lo «despida, seguindo Jesus despido, só por ser Quem é. Haverá maior benefício e honra maior?»; porque «é uma grande sabedoria reconhecer-se cheia de Cristo e atribuí-lo não a si mesma mas a Deus, e ver em si apenas miséria e nada e, não obstante, regozijar-se nesse nada e ver nele o poder de Deus» (113). E isto nas horas alegres e nas tristes, porque temos «um Esposo de sangue» e por isso temos de ser tão diligentes quando «transbordamos de consolos como quando estamos com a corda ao pescoço, há, compreende?» (107).

Esta presença do amor a Deus-Cristo tem uma realização visível na Eucaristia, relativamente à qual encontramos os maiores entusiasmos

de Santa Rafaela. É o fim central e primário do seu Instituto (25), e é o grande dom que suplica aos Papas: «Ter reservado na nossa capela, para nosso maior consolo e principal objecto da nossa reunião, a Jesus Sacramentado». É esta a vontade destas «humildes filhas, que não desejam outra coisa neste mundo que adorar a este divino Senhor Sacramentado».

Deus no centro. Cristo no centro. A Eucaristia no centro. Esta «trindade» é o eixo da vida de Santa Rafaela. A fonte da sua alegria. O que a faz viver apaixonada, de certa maneira fora de si.

2) A vontade de Deus, a Providência

Este amor a Deus não é, na Madre Sagrado Coração, uma coisa teórica, eufórica, cardíaca. Realiza-se e manifesta-se diariamente no cumprimento da vontade de Deus. Isto impressiona em toda a correspondência. É como se visse a sua vida como um grande mapa em que Alguém, desde cima, desde sempre, vai desenhando os seus caminhos, de modo que a sua função é simplesmente percorrê-los. «Tenho confiança em Deus – escreve –, em que, se Lhe formos fiéis, nos dará tudo o que precisamos, com generosidade» (64). «É santa a alma que ama muito a Deus, e ama muito a Deus quem em tudo se conforma com a Sua divina vontade. Vamos ao céu, Amparo, vamos depressa, ainda que seja por penhascos, porque se Deus nos leva não nos há-de parecer difícil» (73). «Imagino as aflições por que às vezes tem de passar. Eu também passei por algumas bem grandes, como sabe, e foi através delas que percebi como se alcança a grandeza de coração; primeiro, confiança cega em Nosso Senhor, acreditando muito firmemente que nos há-de ajudar, porque Se comprometeu; segundo, rezar com muitíssima humildade e entregar-Lhe todas as nossas necessidades e desejos. A nossa vida deve ser, toda ela, um tecido de fé e de generosidade; bem sabe que temos poucos apoios humanos para nosso bem; parece que quer ser Deus a fazer tudo na nossa Congregação; e de certeza que assim vai sair melhor» (90).

«Um tecido de fé»: assim foi, de facto, a sua vida. Uma serena confiança. Uma segurança de que Deus Se comprometeu a ajudá-las. E o reconhecimento de que isso é uma sorte: porque, se fosse feito por elas, podia ser um fracasso; feito por Deus, está o sucesso assegurado. Para quê sofrer, então? «Graças a Deus, experimentamos visivelmente a Providência e, como nos vê tão débeis, ainda a desgraça está a começar e já se dissipou» (282).

Como é evidente, junto a esta confiança em Deus vem a desconfiança relativamente aos poderes deste mundo. De um mundo que ela não despreza, mas que relativiza e põe no seu devido lugar. Por isso não fica surpreendida que as pessoas do mundo não compreendam a sua vocação: «Como é que o mundo há-de tratar a quem o abandona? Mas não é verdade, minha querida, que o nosso bom Jesus a ajuda muito? Nem pode ser de outra maneira! Foi Ele que disse que o Seu jugo é suave e o Seu fardo, leve. A nós, parece-nos pesado porque confiamos nas nossas forças; apoiemo-nos nas d'Ele e não havemos de temer» (5). «Minha Amparo, coisa cumprida só na outra vida, por isso até o bom deste mundo há que tomá-lo com alguma santa indiferença e apoiar-se no que é inamovível, que é Deus, claro, e a confiança na Sua bondade, porque nada, nada nos há-de faltar daquilo que nos conduz àquele lugar onde vamos estar para sempre com todas essas pessoas que nos ajudaram tanto. Por isso, toca a estar muito alegres, a comer muito, e abandonadas nos braços do Nosso Senhor Jesus, até termos a felicidade de poder abraçá-Lo realmente. Este pensamento até desconcerta, não é? Pois a hora não está longe» (70).

Nada disto, naturalmente, era difícil de dizer nos anos de prosperidade, quando tudo florescia, quando os maiores problemas eram uns desentendimentos com um bispo ou certos problemas económicos, solúveis, no fim de contas. Difícil era manter essa entrega à vontade de Deus nas horas da grande crise, da grande perturbação. E o espantoso é que é precisamente neste tempo que se afina em Santa Rafaela essa entrega à vontade

do Senhor, ainda que também – inevitavelmente – se multiplique o seu desinteresse por este mundo e a sua urgência, a sua quase obsessão, por chegar à pátria do céu. Nesses anos, os textos de entrega a Deus tornam-se mais dramáticos, mais abundantes. Na grande tempestade aprendeu «quão pequena é a criatura quando Deus a quer ‘empequenecer’, e que só Deus é o verdadeiro, o justo, e que só n’Ele podemos confiar». Há que «procurar só n’Ele o remédio para tudo e ver as criaturas apenas como instrumentos, não como fim e apoio» (329). Ou naquela tremenda carta ao Padre Hidalgo que parece decalcada sobre as palavras de Cristo na Cruz: «A minha vida foi sempre luta, mas de há dois anos para cá são penas tão extraordinárias que só a onipotência de Deus, que me ampara milagrosamente em cada momento, impede que o meu corpo caia por terra. Que sofrimentos tão horríveis, Padre, de todo o tipo: o meu corpo, a minha alma, o meu coração, todo o meu ser está numa angústia e num desamparo contínuos, e prevendo que isto vai durar muito, muito. Por isto penso que Deus me abandonou? Não, mas esta certeza está na minha alma como um fio finíssimo, sempre pronto a quebrar-se; mas, ainda assim, é este fio que a segura e a fortalece, para que a minha fé não decaia» (380, e semelhantes em 381, 382).

Esse «fio finíssimo» mantém a sua esperança. Porque sabe que «não se mexe uma folha de árvore sem a vontade de Deus», pelo que se atreve a concluir – assombrosamente – que «não houve nenhum tempo melhor na minha vida» (391).

Mas que vontade de que chegue, e que chegue rápido, o céu! Depois da morte do querido Padre Molina, comenta: «Tudo passa, Madre; também a nós nos chegará, quiçá hoje mesmo. Devíamos viver mesmo como se não vivêssemos e pôr todo o nosso empenho no que é realmente Vida, porque é eterna, que é a outra sem fim. Que contente estará o Padre agora de todo o bem que fez e de ter sido generoso com Deus! Ele que me alcance também para mim esta graça, que eu tanto aprecio e tão mal ponho

em prática» (419). É que tudo neste mundo lhe evoca esse céu, mesmo as pequenas alegrias: «Quando estávamos todas tão sorridentes, pensava que, se isto era assim numa coisa tão insignificante, como seria quando estivéssemos no eterno banquete!» (1).

Para Santa Rafaela, viver era «estar» já no sobrenatural. Fala dos santos – como faria mais tarde João XXIII – como se todos fossem seus primos ou colegas de escola. E até do diabo fala com uma naturalidade espantosa. Com naturalidade e com humor, como se ao mesmo tempo o visse e o desprezasse: «Sirvamos o Senhor com perfeição, e que estrebuche o inferno» (13). Não deixe de olhar pelas noviças porque temo que o inimigo meta a patinha» (20). «Como não tive culpa, fico contente por ver o inferno tão perturbado» (129). «Vamos lá ver se consegue cortar o fio que a tem presa e rouba esta alma ao Diabo» (140). Vai tudo correr bem «se o bichinho não se meter» (166). «Tenham calma e preparem-se para outra batalha que o malvado queira travar» (162). Esse demónio sempre pronto para «meter a unha» nos seus assuntos era, para Rafaela, uma realidade evidente, mas sempre derrotável com a graça de Deus.

3) Caminho da Cruz

E chegamos agora à verdadeira chave de arco da santidade de Santa Rafaela Maria do Sagrado Coração, à característica que define o seu caminho, ao que a fez ser a santa que é. Porque – como é evidente – toda a santidade passa pela cruz. Não há Ressurreição sem Sexta-feira Santa. Mas a graça de Deus faz que para muitos dos seus eleitos esta passagem pelo Calvário seja breve ou não seja especialmente dolorosa. Para Rafaela, a cruz foi o seu destino, a sua verdade.

Primeiro, pela sua vocação reparadora: desde o princípio, o seu projecto foi sempre acompanhar Jesus no caminho do Calvário. Mas foram, depois, os acontecimentos da sua vida que configuraram esse caminho: primeiro, através das provações normais de qualquer cristão, depois por

uma espécie de «derrocada da dor» (de muitas formas: incompreensões, mentiras, mal-entendidos, agressões, perseguições) sobre a sua vida e, finalmente, com a mais lacerante de todas as dores, a que a encerrou no silêncio durante mais de trinta anos. A aceitação dessa dor, o «modo» como foi vivida, são sem dúvida as grandes bases da sua santidade. Para ela, sofrer não é algo que se «suporta»: é uma fonte de alegria, é a certeza de que quanto maior é a dor, maior é o serviço, é o entusiasmo de ter alguma coisa «digna do Digno», algo para Lhe oferecer.

Aqui seria preciso percorrer todas as suas cartas. Sirvam uns quantos exemplos para ver o calibre desta entrega à Cruz:

«Mil graças ao nosso bom Jesus que tanto nos beneficia e que nunca quer que soframos sem nos dar ao mesmo tempo muito maior consolo. Que felicidade poder sofrer alguma coisa pelo nosso bom Jesus! Fico perturbada por ver a honra que o Senhor nos dá ao permitir que soframos algo por Ele» (13). «Que felicidade se experimenta no Seu serviço, não é? Isto não quer dizer que não haja cruces, porque as há, e bem pungentes; mas penso que se tornam suaves quando Jesus as toca com o Seu precioso Sangue» (6). Temos que dar graças a Deus «e agora muito mais porque nos dá a provar um pouco do Seu delicioso Cálice» (14). A uma religiosa, anima-a com o exemplo dos santos: «Quanto vos ama o Senhor! Porque já sabemos, por muitos exemplos antigos e recentes, que aos Seus servos mais fiéis os põe à prova com muitos trabalhos, como o ouro no crisol» (28). «Mesmo que nos enterrem os espinhos até ao osso, que importa? Ele já os lavou antes com o Seu Sangue. Não recuemos ante as dificuldades; coragem e confiança; Ele no-las há-de dar, se somos fiéis e confiamos n'Ele» (31). «Algumas pessoas pensam que por entrar para o convento já estão livres de tentações, de repugnâncias, etc. Enganam-se, é ao contrário: aumentam muito mais; só que há um antídoto para as aliviar e para as ultrapassar, que é o desprezo e o não tirar os olhos da meta e, sobretudo,

passar a ser loucas pela Cruz e pelo Amor de Deus» (33). «Alegre-se com as tribulações, que são *o tempero* da Igreja» (206). «Quer cruzeiras? Então abraça-se a elas, que tudo o que é sofrer é cruz, e Deus Nosso Senhor tem fome deste manjar» (206). «Desta tribulação, Deus vai tirar muitíssima glória para a Congregação» (246). Para uma religiosa que está quase a morrer, este conselho: «Anime-a a que leve os trabalhos com alegria, para que apresente a palma da mão bem esticada, sem nenhuma ruga». E nem sequer falta o toque de humor em momentos dolorosos: «Há muitas peninhas, mas como tudo se toma com um sorriso, nem parece...».

Não era difícil dizer ou escrever tudo isto quando se tratava de sofrer as penas quotidianas da vida ou quando se tentava consolar ou animar as outras. Mas o grande tema da cruz torna-se intensamente dramático quando chega a Santa Rafaela a «sua» hora, a das tensões com a irmã e com as outras assistentes, que conduzem à demissão, à aceitação de ser tida como louca, de chegar a pensar que era ela a culpada da grande crise que abalou a Congregação. Aqui, as palavras «sofrimento», «cruz» já não são literatura nem pietismo barato: é o sangue que jorra da ferida. «Sabe de quem me pede a alma que me nutra agora? De Cristo Crucificado. Sei lá porquê! Se calhar são coisas de velha. Peça que esta fome aumente em mim, e pode ser que depois venha a outra, a daquela loucura tão firme, que bem sabe Nosso Senhor que eu gostava que ma concedesse» (466). «Os meus cravos e a minha cruz são muito suaves, apesar de não ser leve o peso que sustêm, o peso dos meus pecados e paixões» (368). «Ri-me sobretudo dos consolos que me disse que eu ia sentir agora. Pensa que antes sentia tristeza? Isto, primeiro: não quero que peça para mim mais nada a não ser mansidão, humildade, amor à cruz e conformidade sólida e perfeita com a vontade de Deus, mesmo que esta seja que eu morra pendurada num pau» (370). Frase tremenda, esta última. Ainda que o seu destino seja morrer pendurada num pau! E quando, meses depois, destituída também a sua irmã,

escreve para lhe dar alguns conselhos, de certeza que lhe recomenda o que ela fizera anos antes, numa situação bastante parecida: «Aperte com força a coroa de espinhas no seu coração, e, com brio, enterre nele a cruz, e que a chaga se abra até onde o Senhor quiser, para que, quando se apresente diante d'Ele, Lhe possa dizer: Vedes que peço possuir-Vos para sempre com justiça, porque quis imitar-Vos como melhor pude e soube durante a vida» (569). É difícil encontrar uma carta mais bonita!

E, de todas as cruzes, a mais importante: o silêncio. O leitor não pode deixar de observar as diferenças na correspondência, primeiro com a sua demissão como Superiora Geral, depois com a da sua irmã. Até os gritos de dor desaparecem. A Madre Rafaela, que antes dirigira cerca de 80% da sua correspondência a outras religiosas e uns escassos 20% a familiares ou leigos, sabe que, agora, tudo o que faça, mesmo com cartas edificantes, pode contribuir para criar divisões no interior da Congregação e, por isso, vão diminuindo progressivamente, até desaparecerem, as cartas a religiosas; ela já não é ninguém, pouco tem que aconselhar, e quer ainda menos desabafar; dá mais atenção aos seus familiares, mas, ainda assim, mantém um vertiginoso silêncio acerca da situação real que vive no interior da Congregação. Esta é a cruz que já nem sangra, as feridas que já nem gritam; tudo se passa dentro de um coração destruído, mas sereno e feliz.

Só lhe resta esperar serena e felizmente a morte: «Todos desaparecem e dentro em breve será a nossa vez. Queira Nosso Senhor encontrar-nos com a lamparina bem acesa!» (642). «Não se preocupe, que isto da morte é natural na vida e nós, as religiosas, devemos ver chegar os golpes com tranquilidade, porque senão seríamos como leigos» (146). «Se é a vontade do nosso Jesus levá-la, que dentro em breve Lhe dê o abraço eterno! Que alegria, minha querida! Se pudéssemos trocar as sortes! Esteja contente, sua tonta! Ver ao Jesus da sua alma, e estar já para sempre com Ele! Não é isso que deseja no fundo do coração, de tal maneira que as horas lhe parecem séculos?» (147). Quanta manhã de Ressurreição há em todas estas páginas!

4) Alegria de fundo e de superfície

Nada disto teria verdadeiro valor se não tivesse o contraponto constante da alegria. Quem conhecesse apenas externamente os feitos reais da vida de Santa Rafaela podia muito bem, e com justiça, imaginar uma mulher tensa, talvez não amargurada, mas sim endurecida pela dor. A dor, já se sabe, converte em vinagre vinhos muito bons; só multiplica a qualidade dos melhores.

E é este o caso da Madre Sagrado Coração, em cujas cartas abundam o bom-humor, as piadas, o pormenor pitoresco, a pregação constante da alegria como virtude cristã fundamental. «Só desejo, queridas irmãs, que estejam contentes, porque o Senhor nos ama muito, mas quer-nos muito perfeitas e que O sirvamos com muita alegria» (15). «Elas não cabiam em si de contentes, e em todas nós reinava uma grande alegria» (27). «Todas muito bem, contentes, comendo alfaces ao almoço e a todas as horas» (85). Ao Padre x «faço-o rir tanto que mostra os dentes todos» (279). «Não recue: servi-Lo é a maior alegria e felicidade» (36). «Estão todas muito contentes. Ontem riram-se muito à mesa» (43). Ou nesta bela carta a um novo sacerdote: «Pode haver maior alegria, para quem foi escolhido por Deus, como o senhor e eu, ainda que indigna, do que trabalhar muito, tudo o que pudermos, por um Senhor cujo serviço é tão leve e que depois nos há-de pagar tão bem? Se um pagão ouvisse isto, diria que são loucuras de fanáticos, mas nós os dois sabemos que isto é real e verdadeiro» (50).

Mas o que mais impressiona é que esta alegria parece multiplicar-se nas horas da humilhação e da tempestade. Quando há problemas, «não se sofre, porque o que se ama não pesa. E se houver secura, preguiçinhas, tentaçoezinhas, que nunca faltam, passa-se o dia com mais alegria, porque assim mostramos a Jesus que o amamos porque é muito digno de ser amado, e alegriamo-nos por nos vermos humilhadas, porque, na vida, a nossa glória há-de ser viver sem que ninguém repare, desprezadas

e humilhadas sem ser compadecidas, nem dar motivos para o ser; pelo contrário, fazer que todos os que nos rodeiam passem a vida feliz: é esta a verdadeira caridade!» (116). «Não quero vê-la pesarosa, porque, mesmo nas tristezas que de vez em quando vêm, é preciso estar alegre, porque vêm da bondosa mão de Quem a ama mais que a própria vida, que um dia perdeu para a levar ao céu».

Ela mesma dá exemplo disto: nos dias mais agitados da sua destituição, escreve: «Eu, com um sorriso nos lábios» (299).

E que duras são as suas cartas contra a tristeza! «Seja valente e corajosa e veja tudo pelo lado sobrenatural. Sem esses ares taciturnos e esquisitos. Quando uma dessas ninharias a queira distrair, lembre-se de que tem um Esposo tão ciumento que lhe exige, não só todo o seu ser, mas tudo o que dele sai; pense que já não se pertence: que é de Jesus. Mas cuidado para não se tornar beata e começar a desejar demasiado estas coisas. Por amor de Deus, não seja melosa!» (49). Ou esta carta impressionante, com um final dramático: «Essa tristeza é do Diabo e está na origem dessa secura e escuridão. Faça por estar muito conforme com a vontade de Deus e verá como lhe voltam ao espírito a calma e a alegria. Quando se puser alegre, tudo lhe agradará e olhará para as crianças, de maneira especial, não como seres impertinentes, que (atenção ao realismo da frase) naturalmente são, mas com o interesse com que se contempla uma coisa de muito valor: porque cada alma custou o sangue de Deus» (192).

E é esta mesma alegria que «impõe» à sua irmã nos momentos em que ela, sem acabar de se decidir a fazer a profissão, via tudo negro. Com firmeza e frieza, Rafaela faz o diagnóstico: «Creio que o Senhor não está nada satisfeito de a ver sempre descontente». Realmente, como se podia compaginar uma tristeza permanente com um estar apaixonada por um Esposo como Cristo? Para Rafaela, amor era alegria.

5) Amor aos seres humanos em concreto

Há algo em Rafaela Maria que parece contraditório: por um lado, um radical desprezo por este mundo e pelas suas artimanhas – em que nunca confia –, e, por outro, um profundo amor à realidade, um preocupar-se pela felicidade dos seres humanos, não só no céu mas também na terra; um verdadeiro apreço pelos valores humanos.

Incomoda-a ver que neste mundo só se estimam os valores naturais. E di-lo sem rodeios, perante uma série de críticas que recebe: «Disse cá para mim: o mundo é este. Que desprezível é, Madre; cada dia o desprezo com toda a minha alma e repugna-me tanto como a si que apreciem o nosso Instituto simplesmente pelos encantos naturais, sem dar valor ao sobrenatural» (274). E ainda a deixa pior o mundo dos poderosos e as bagatelas da vida social, por exemplo, o ter de recorrer aos ricos para as suas fundações: «A mim repugnam-me tanto como a si essas coisas, mas tenha em conta que isso são apenas debilidades, nada mais: os ricos dizem que só podem viver assim; Deus nos livre deles para sempre, ámen» (266).

Mas, junto a estas pitadas de mau humor, aparece um apaixonado amor à realidade e às pessoas. A Madre Rafaela é uma mulher positiva que, de maneira natural, tende a ver tudo bem, tende a gostar de tudo. Se fala de uma capela, diz que está «lindíssima», que o altar é «giríssimo», a homilia, «magnífica». Enfim, tudo é maravilhoso. E não é que lhe falem motivos para criticar, algumas vezes, mas normalmente o mundo, a vida, agradam-lhe. «Não queira morrer, não – escreve a uma religiosa –; peço-lho por amor do Nosso Jesus; cuide de si e rejeite isso de passar a melhor vida. E ponha-se gordinha. Deus não quer que pareça que as suas esposas se alimentam de lagartixas» (72). A alimentação das suas religiosas é uma obsessão para ela: «Que não emagreça muito, porque me dá pena» (107). E vive atenta a mil pequenos pormenores. Não gosta («irrita-a») que os jesuítas fumem, mas preocupa-se que no dia do Sagrado Coração ofereçam cigarros ao P. Ploegman, porque «fala sempre disso quando vem».

Recomenda que às irmãs «nunca se lhes dê pão duro, mas fresco; que ponham mais grão-de-bico no cozido, porque era quase tudo batata, e que uma vez por outra deem couves» (317).

Tem nas suas cartas pormenores de uma sensatez espantosa. Como quando recomenda à sua família que rezem todos os dias o rosário com os criados, «mas só o rosário, sem os acrescentos, que é o que cansa» (205); ou quando lembra às religiosas que «de manhã, toquem pouco o sino, para não incomodar os vizinhos, e que toquem com prudência, mesmo amanhã (dia de festa), sem se deixar levar pela alegria» (215).

É exigente nos detalhes de bom gosto: «Cuidado para não sair a receber as pessoas de avental, e a porteira que o tire também para receber as visitas» (249). Ou quando repreende por pequenas insignificâncias que revelam falta de cortesia: «A sua carta vem sem data, e eu não gosto disso» (248).

A minúcia chega à obsessão no que toca à liturgia, que era uma das meninas dos seus olhos. Não suporta quando se canta mal nas igrejas: «As daqui cantaram uma Salve que pensei que morria de angústia, de tão mal cantada» (10). E terão de mudar porque «se estas meninas continuam a cantar assim, espantam toda a gente» (10). Repara nos mais ínfimos pormenores dos ornamentos litúrgicos (318) e pede que as igrejas estejam sempre impecáveis: «Deixe a igreja como uma peça de prata ou de ouro. Por que não bordam albas de tule, assim elegantes como as de Madrid, e não inventam arranjos de flores bonitos para o altar? Vocês estão a ficar velhas e antiquadas... muito cuidado com isso» (275). «Eu quero que o altar esteja bonito todos os dias. Gosto que tudo esteja muito bem e sobretudo nas igrejas, mas sempre de acordo com as festas que se celebrem, porque é esse o espírito da Igreja. Mesmo que esteja sempre bonito, que se distingam os dias de primeira dos de segunda e de terceira, nas flores, na roupa, em tudo» (222). Veja-se que não se trata de um simples bom gosto ou de um esteticismo barato, mas, antes de mais, de respeitar o «espírito da Igreja», que ela segue rigorosamente.

6) **Uma magnífica directora espiritual**

Um dos aspectos que mais impressionam o leitor destas cartas é a extraordinária capacidade de direcção espiritual que possui Rafaela Maria. Grande parte da primeira metade desta correspondência é constituída por cartas de verdadeira direcção espiritual de muitas religiosas, e pode dizer-se o mesmo da segunda parte, relativamente a leigos. Creio que seria apaixonante um estudo minucioso deste ponto em concreto.

Nele descobrimos uma extraordinária luz para ver com clareza os problemas; umas respostas exactas, precisas, sem rodeios; um convite a centrar-se no substancial de cada questão; uma sistemática atitude de encorajamento, estímulo e apoio; uma reiteração constante de que Jesus é o verdadeiro director; uma extraordinária dureza (pelo menos uma grande frontalidade) quando se deparava com pessoas medíocres ou túbias.

Este último aspecto chega a parecer excessivo. Mas o certo é que não se põe com rodeios: «se acha que a Soledad não serve, que se vá embora, que a estas tontas demora a entrar-lhes o espírito e, mesmo quando se dispõem a vencer-se, a luta deixa-as de rastos» (285). E a uma religiosa que discutiu alguma coisa em público com o Padre Cermeño diz claramente: «Não, minha querida, nunca faça isso; quando lhe chamam a atenção, atribua-se primeiro a si a culpa e só depois, se, em consciência, achar que tem alguma coisa que dizer, diga-o a alguém em particular, sem que ninguém se aperceba». Às vezes corrige pequenos pormenores que lhe parecem de mau gosto ou de falta de jeito: «Tenha cuidado, ao escrever, com as faltas de ortografia; numa carta escreveu «çopeira», «çardinhas» e outras coisinhas assim» (55).

7) **Equilíbrio, senso comum, integridade**

Diz-se que «de santos, poetas e loucos todos temos um pouco». Este dito pode querer expressar que o santo é sempre um pouco louco, um pouco desequilibrado, alguém em quem dificilmente se compaginam

a santidade e o equilíbrio, a sensatez. E é evidente que qualquer santo vai sempre mais além da mediocridade e que, do ponto de vista dos acomodados, parece sempre algo excessivo. Mas também é certo que, no caso de Santa Rafaela, talvez por causa desse senso comum andaluz (que de algum modo se parece ao de Santa Teresa de Jesus), estamos perante uma santidade que tem os pés bem assentes na terra da realidade. Por isso não gosta das «santas nervosas», as desmedidas, as neuróticas. «Nada de extremos excessivos – diz a uma religiosa –. Digo-lhe isto porque sei que é um pouco nervosa» (21). «Não se esqueça de que até os mosquitos parecem elefantes quando andamos inquietas», lembra a outra (174). «Que paciência é necessária para viver neste mundo!» (62). «Não se inquiete, por amor de Deus, que fica fora de si. Ambas temos esse grandíssimo defeito e vejo que para assuntos deste tipo é necessário muito sangue-frio» (164).

É por isto que insiste tanto em que quer uma santidade «íntegra», «varonil», sem lamechices. Dirigindo-se às postulantes, escreve: «imagino que haverá uma ou outra um bocadinho melosa, sempre com a lagriminha no olho» (102). Falando da necessidade de um bom confessor, afirma: «não suporto a virtude efeminada, nem que me canonizem quando estou presente ou pelos meus ouvidos, porque assim fico como uma santa no ar» (76). «Acho que as daí estão um pouco débeis, porque se ocupam muito de si mesmas; e mais, vão perdendo o espírito varonil que há aqui. Aqui até se comem pedras e todas se entregam sem se gabar» (127). «A grande vantagem é que não tem maneiras nem atitudes de beata; não sei se percebe o que quero dizer: não é dissimulada, e por isso podemos moldá-la com facilidade. É destas que gostamos» (130). «O espírito efeminado desta época tira-me do sério» (201). «Peça a Deus que entre gente com garra» (222). «Não seja cobarde; prudente sim. Não seja velha, nem temerosa, mas jovem e varonil» (231). «Veja lá, não dê em lamechas. Nada disso: espírito varonil e natural» (232).

Bem se vê o tipo de religiosas que queria a Madre Sagrado Coração. Não esperava delas delírios místicos, mas santidade íntegra, recta, capaz de crescer com as dificuldades. Como lhe aconteceu a ela.

8) **Estilo e formas de piedade**

Teríamos agora de definir quais foram os caminhos concretos da sua santidade, em que raízes assentava, de que formas externas se manifestou. A resposta é bastante simples: as comuns a qualquer cristão, só que vividas bem na essência.

Assim, o primeiro elemento é a forma como Santa Rafaela valorizava o Baptismo. É preciso sublinhar este aspecto porque a redescoberta do sacramento do Baptismo como origem da santidade foi, na verdade, um dos grandes logros deste século. Não era nada comum no passado. Mas foi-o para Santa Rafaela, que sempre o apresentará como «a maior graça que recebemos» (414) e que, quando lhe dão os parabéns no dia dos anos, pede que lhos dêem antes no dia seguinte porque «fui baptizada: o dia mais importante da minha vida, porque nesse dia fui inscrita no livro da vida».

O segundo dado fundamental é o apreço pela vida religiosa. Rafaela não é religiosa por acaso, a sua vocação é algo que a deixa orgulhosa e entusiasmada: «É uma graça tão incalculável que nunca a saberemos apreciar o suficiente, até chegarmos a estreitar os nossos laços, no céu, com o nosso diviníssimo e amorosíssimo Jesus» (151). Ser religiosa, simplesmente religiosa, é a sua maior honra. Seja qual for o posto ou a tarefa que desempenhe. Por isso, incomodam-na os privilégios, as distinções, que a «eximem dos chamados trabalhos humildes, que para mim são os mais importantes da Congregação». Afastá-la desses pequenos trabalhos – como se fez nos últimos trinta anos da sua vida – «é para mim, não uma honra, mas a maior desfeita que me podem fazer» (431, 434). «A maior honra que se pode dar a uma religiosa é deixá-la seguir a vida comum

em tudo, sem nenhuma excepção nem privilégio» (459). Na religião, não se sobe nem se desce. Todos os caminhos, todos os postos são iguais: «Aquele que subiu, no momento em que o desça Nosso Senhor, tem de andar baixinho como todos. E se doer, que doa; quanto mais doer, maior é o prémio. Nós nunca nos reformamos, trabalhamos enquanto Deus quiser» (437).

E o que é, essencialmente, ser uma religiosa, para Rafaela Maria? É – disse-o numa das suas cartas-chave e com belíssimas frases – «ter os olhos bem fixos nos de Cristo», «rezar sem cessar e sem afastar os olhos d’Ele». «Disto depende todo o bem» (395). Se isto não é paixão, o que será? E como é que hoje se pensa que as religiosas têm ar de frustradas? Será que perderam o olhar, o brilho, o ar de apaixonadas?

Mas, livre-nos Deus das grandes palavras! Para Rafaela, a paixão não era um arrebatamento do coração; era, acima de tudo, o cumprimento rigoroso, exacto, de qualquer minúcia das Regras. A santidade da Madre Sagrado Coração é tudo menos etérea ou feita de proclamações verbais. A grandeza do seu coração manifesta-se em pequenas observâncias (de resto, não há outro modo de a mostrar e não foi outro o caminho dos santos). Por isso, não se cansa de o dizer e de o repetir; e sublinha-o de maneira especial nas horas mais tensas e obscuras da sua vida: «Eu, quando vejo as coisas um pouco agitadas, agarro-me o mais que posso à observância das Regras, que é o que me há-de valer na outra vida, e assim fico serena, mesmo que as ondas cheguem até ao céu. Porque, àquele que se sacrifica para cumprir a vontade do Senhor observando o que Ele manda, não lhe pode acontecer nada que lhe toque a alma, e de certeza que há-de redundar em bem da Congregação» (475). «Quanto nos devemos animar a fazer todas as nossas obras só para agradar a Deus e trabalhar com todas as nossas forças para ser muito observantes das nossas Regras, mesmo das mais pequenas e insignificantes. E digo apenas das nossas Regras, porque nelas se encerra todo o bem e o que mais agrada a Deus do que

podemos fazer neste mundo» (448). «Essas coisas exteriores não levam a nada quando o nosso coração está cheio de nós mesmos. Limpemos bem, minha querida irmã, o nosso coração das astúcias da imperfeição e depois crucifiquemo-lo bem com as virtudes de Nosso Senhor Jesus Cristo que agora celebramos e deixemos as coisas extraordinárias para as almas santas que não estão expostas à soberba e à vaidade. Faça-se solidamente santa em obras e deixe-se de extravagâncias. Cumpramos a nossa Regra com todos os acentos, porque já sabe que há santos no altar só porque as observaram» (220).

E aqui chegamos ao tema dos três votos, para nos encontrarmos com uma enorme surpresa: Santa Rafaela, que fala com grande naturalidade da pobreza e com maior insistência sobre a obediência, quase não faz alusões à castidade nas suas cartas, pelo menos nos seus aspectos negativos. Fala, sim, e muito – como já vimos – do amor, da entrega, da fidelidade ao Esposo, mas só se detém uma vez a assinalar os aspectos negativos, que atentam contra a castidade ou a pureza. Qualquer outra religiosa do século XIX teria insistido muito mais sobre este aspecto. Em Santa Rafaela, parece que mesmo o falar disso lhe repugna, como se fosse uma mancha. Onde há amor, há amor, e ponto; onde há entrega, há entrega total, e ponto.

No tema da pobreza, chamam a atenção alguns pormenores. Quando escreve a dizer que vai chegar a Madrid à noite, pede que a vão buscar, «mas não em carro de luxo; num barato. E isto porque eu não sei bem onde é» (206). «Não sinto nenhum desgosto por ter feito voto de pobreza» (30). Numa ocasião, pede um tecido para uns frontais – e isto que na liturgia não é nada poupada – e adverte: «Mas que o fundo seja branco, com ramos às cores; que não tenha nada de ouro nem de prata» (1). E quando faz a renúncia a todos os seus bens (que não eram poucos) escreve energicamente: «Que não se fale disto mais do que o necessário. Não por mim, mas pelo demónio: deixemo-lo ali, na sua casa, com os seus» (579).

É ainda mais contundente no tema da obediência. Afirma rotundamente: «Nenhum obediente foi condenado!» (116). E, falando de si mesma, diz: «Peço a Deus todos os dias uma obediência tão infantil e, por isso, tão cega, que, ao menor sinal da vontade dos nossos superiores, estejamos já a obedecer, e isto sem reparar se é bom ou mau, útil ou inútil, e sem ficar depois a pensar por que é que me disseram ou me mandaram aquilo, ou se seria melhor outra coisa» (121). «Incute muito nas irmãs – diz a uma superiora – que não obedeçam pelos talentos ou cargos das pessoas, mas pela fé, pela virtude. E que seja o Espírito de Deus a conduzir as suas obras, não o desejo de agradar; que façam tudo só por Ele, ou pelo temor aos seus castigos, e não porque gosto desta superiora e, se esta não está, já não posso ser boa, etc.» (328). E, quando se vê destituída do cargo de superiora, é esta a fonte da sua nova alegria: «Ao ver-me súbdita, que incomparável graça! Eu serviria de joelhos aos superiores. Como santificou Jesus a obediência com o Seu exemplo!» (403).

De entre todas as obediências, a mais alta, mais cálida, é a que presta à Igreja. Eis aqui as linhas com que apresenta a Roma as Constituições para a aprovação pontifícia, linhas que são muito mais que simples protocolo:

«Como não há nada que estimemos mais do que a sujeição à Santa Sé, aceitamos desde já todas as alterações que queira introduzir, pois sabemos bem que o nosso Instituto não pode prosperar sem ser animado pelo espírito de íntima e perpétua adesão à cátedra infalível de São Pedro» (180).

Outro dos dados significativos da espiritualidade da Santa cordovesa é a sua naturalidade e simplicidade, de que falaremos mais adiante. Aqui referimos apenas o seu desagrado relativamente às pequenezas de espírito, aos escrúpulos, ao que ela chama «ilusões de óptica»: promete a uma religiosa que ela e as outras irmãs «vão rezar para que o Nosso Jesus abra de par em par o seu coração e o encha do Seu divino Amor, para pôr fim a essas securas e a essa antipatia que lhe vão dentro, e de que Jesus não gosta nada. Deixe-se disso, minha querida, e quando lhe aparecerem

essas ilusões de óptica, livre-se delas dizendo: Que pena, meu doce Jesus, que eu não seja muito sábia e muito santa para fazer tudo por ti cada vez com maior perfeição!» (74). Assim, e sem papas na língua. Não menos sábia é a maneira como incita a uma religiosa a seguir os conselhos do seu confessor sem se perder em escrúpulos: siga – diz-lhe – cegamente os seus conselhos «sem lhe dar muitas voltas», sem estar a pensar «se a Madre disse isto ou aquilo, ou se não me expliquei bem». Não, não. «Tenha santa simplicidade» e depois «ficar em completa paz» (55).

Mesmo em certos temas, que eram quase uma obsessão no século XIX, a sua mentalidade é aberta e serena, como quando tranquiliza a sua tia por comungar sem ter respeitado plenamente o jejum, por estar doente: «faça uso dessa dispensa, que está muito bem sancionada» (422).

Tem também uma concepção muito moderna no tema das mortificações corporais. Pede a uma religiosa que «se humilhe bem», que vença «as suas repugnâncias», porque «mais do que penitências exteriores, são estas as importantes para pôr a alma fina, como Deus quer para se unir a ela» (232). A outra religiosa, explica-lhe que nunca deve deixar de tomar certos medicamentos que lhe aliviam as dores, porque «Nosso Senhor não nos pede que andemos a arrastar males corporais, mas que, na vida comum do dia-a-dia, sejamos mártires do nosso coração, ensinando-o a praticar virtudes, quanto maiores e mais ocultas melhor» (203). Este martírio do coração é o que conta. Por isso, fica quase furiosa quando uma religiosa, com os afãs de mortificação, deixa de se alimentar como deve: «Quando ficará gravado nos vossos corações que não é o corpo que Deus quer que sacrifiquemos, mas o espírito?» E, mesmo isto, «com paz e alegria. Espírito, minha irmã, peça-o ao Coração de Jesus, e não um espírito enfezado mas varonil, que é dar tanta atenção aos nossos quereres e desejos como aos de um asno que está ao nosso serviço. Damos-lhe de dormir e de comer, claro, mas depois, upa!,upa!» (201). Porque «renunciando à

própria vontade, pode-se subir à mais alta perfeição, sem necessidade de mortificação corporal, porque não é a vontade do Senhor» (16).

Um aspecto também inovador numa religiosa do século XIX é a sua preocupação pela formação humana e religiosa das irmãs. Em muitas cartas encontramos os livros que recomenda e os que ela própria lê (373, 421, 425), obras sempre sólidas, da melhor teologia dos clássicos e do seu tempo. Preocupa-a, por outro lado, a falta de formação de algumas religiosas: «No outro dia perguntava à Manuela quais são os meios para aumentar a graça e ela não me soube responder. Que se formem um bocadinho mais, porque se vê demasiada ignorância» (306). «Para nós, a educação não está, nem pouco mais ou menos, em segundo lugar; de tal maneira que, para que se dê com maior perfeição, temos religiosas bem preparadas e experientes, que vão ensinando às outras que se nota que têm mais jeito».

Quero também referir, ainda que brevemente, os santos e devoções que lhe são mais caros. Para lá da teologia de Santo Inácio, que está na base de todo o seu pensamento espiritual, há que recordar Santa Teresa de Jesus, de quem tanto gosta e a quem tanto se assemelha; São Francisco de Assis (428); a pequena Teresa de Lisieux, que acaba de ser beatificada quando a conhece e que aponta como um verdadeiro modelo de santidade (689). Sem esquecer, claro, o carinho que tem a São José (330), ao Menino Jesus, a quem dedica uma carta cheia de ternura (464) e, acima de todos, à Virgem Maria, que com tanta frequência aparece nos seus escritos. Não resisto a copiar esta descrição que faz da vida quotidiana de Maria:

«Que alegria que continues a ser tão devota da Santíssima Virgem. Mas isto não chega, ela quer mais de ti: que a ames, sim, mas que imites toda a sua maravilhosa vida. É um modelo para todos, como sabes, e agora para ti, na vida que leva na sua casita de Nazaré. Muito simples, como pode e deve ser a tua: cumprir os deveres para com Deus e depois, com

muita paz, tratar da limpeza da casita, coser ou fiar, e ter tudo pronto a tempo para o seu Menininho querido e para o bendito São José, e viver muito tranquila e feliz naquele pequeno lugar do mundo, sem que ninguém saiba da sua existência, a não ser os parentes e amigos, e mais nada; fazer da sua casa um paraíso com a amabilidade dos seus gestos, cheios de cuidado e atenção a todos, tanto dentro de casa como fora. Porque, apesar de não ter sido criada ali, que era um lugar muito pequeno, mas em Jerusalém, que era a capital, nunca se ouviu dizer que desprezasse nem o lugar nem as pessoas, apesar da distância que havia, tanto geográfica como cultural. Vê que delicada era e quanto nos ensina e como se adaptava, com todo o coração, às situações e circunstâncias em que a vontade divina a punha. Imita-a, minha filha, mas a sério, porque te é fácil nas circunstâncias em que estás, e nunca duvides de que te ajuda uma Mãe tão doce, tão tua e tão minha, também» (453).

Se reparamos na data desta carta (Abril de 1897), não é lícito pensar que a Madre Rafaela está, sem dúvida inconscientemente, a descrever ao mesmo tempo a vida oculta de Maria e a sua, naqueles anos de sequestro, naquela vida «tranquila e feliz» que vivia, sem fazer mais do que cumprir os seus deveres para com Deus e rodear de amabilidade aos que com ela conviviam?

9) **Três grandes obsessões**

Todos nós temos alguns temas que se convertem em pontos-chave da nossa visão do mundo ou da nossa espiritualidade. Para Santa Rafaela, há três pontos claríssimos, que brotam constantemente em toda a sua correspondência e na sua vida: são os temas da humildade, da união e do trabalho.

A humildade

A humildade (entendida também como simplicidade, como naturalidade) é, para a Madre Sagrado Coração, a rainha das virtudes (se excluirmos

talvez esse grande eixo que é o amor, a caridade). O que mais exige às suas religiosas, o que, sobretudo, se exige a si mesma, é essa humildade. O orgulho, a soberba são, para ela, os grandes inimigos da santidade; o amor-próprio, o que mais separa o homem de Deus. Aqui os exemplos e as referências teriam de se multiplicar incansavelmente: «Madre, peça que todas na Congregação sejamos humildes, principalmente eu, que é nas almas desta natureza que Deus descansa das muitas ofensas que Lhe fazem e Lhe fazemos, as que nos consagramos a Ele» (328). Quando percebe numa religiosa rastros de orgulho, torna-se tremendamente dura: «Você está mas é totalmente apaixonada por si, quando passa tanto tempo a pensar se desempenhará ou não desempenhará bem o seu cargo; preocupe-se mais com Deus e com o seu cargo, e procure cumpri-lo segundo a vontade de Deus, com muita paz e prudência, e deixe-se de beatices. Queira Deus que com as irmãs e as pessoas de fora não se ponha com os mesmos disparates e não se torne aborrecida com a sua falsa humildade. Seja verdadeiramente humilde e faça consigo o que faz com a agulha para coser ou com a escova para varrer» (238). E escreve a outra com a mesma dureza: «Esse estado em que se encontra a sua alma é, em parte, devido à sua grande falta de humildade, que a entristece quando não vê o resultado próspero dos seus desejos; seja verdadeiramente humilde e não se deixe entristecer pelas contradições, alegre-se com elas, que é o sinal de que Deus a quer despir de si mesma» (193).

Esta humildade que pede não é aquela melodramática, dos que desejam ser humilhados, mas a simplicidade: «A simplicidade arrebatava-me a alma e a sabedoria humana transtorna-me. Que maravilhosa é a humildade! E que grotesca a soberba, mesmo a aparente!» (315). Também a Deus «lhe roubam o coração as pessoas simples e humildes» (276) e por isso não é bom «triturar o espírito» (98), também na oração: «Não se esforce por meditar. Se sente alguma moção, siga-a; e, se não, alegre-se de poder descobrir pela experiência que não pode nada sem a ajuda de Deus. A Ele, bastam-Lhe os bons desejos» (98)

Por isso fica tão assustada quando vê alguém rodeado de honras e privilégios. Como nessa carta – sem dúvida profética – em que, com uma dureza inaudita, diz à Madre Puríssima, quando esta ocupa o primeiro cargo na Congregação: «Cada vez que a vejo subir em honras, estremeço até me virem as lágrimas aos olhos, por causa da sua pobre alma tão desgraçadamente aplaudida» (406).

Mas Santa Rafaela não pede a ninguém uma humildade que antes não tenha praticado até ao fundo. Porque as coisas mais duras, neste campo, di-las de si própria. E com uma constante que, logicamente, se vai acentuando à medida que aumentam as desgraças e as incompreensões. Numa carta ao Padre Hidalgo, diz: «Vossa Reverência pôs o dedo na ferida: todas as minhas lutas têm origem no amor-próprio, que tem medo de fazer mal as coisas e passa mais tempo a pensar nisso do que no que realmente importa. Vejo que vai ser difícil curar-me, mas estou disposta a começar, e o resto, deixo-o nas mãos de Nosso Senhor. Perdoe a esta filha desnaturada» (199). Depressa começa a mostrar o seu desapego absoluto pelo cargo que ocupa: «eu, como sempre disse, estou disposta a renunciar ao cargo à menor insinuação; seria o dia mais feliz da minha vida» (230). Repete constantemente que ela é a «culpada», a «causa de todos os males da Congregação», como escreve na comovedora carta 261. «Alegro-me de que agora me comecem a conhecer, não caibo em mim de contente, porque isto confirma-me o que pensava: que estavam enganadas a meu respeito» (290). «Em tudo isso que pensam de mim, têm razão» (291). «Não me sinto em condições de continuar a exercer o cargo». «Nunca devia ter ocupado este posto» (319). Não se defende: é a sua pior acusadora. Só lhe preocupa que as coisas sejam bem feitas «para que o Instituto fique bem» (319). E, quando as outras religiosas lhe escrevem para a tranquilizar, pensando que deve estar a passar um mau momento, é ela que as consola: «Não tenha pena de mim, que, por um lado, estou a pagar o que mereço e, por outro, é bom para a minha alma. O que eu quero é que

não fique triste, porque não teve culpa neste assunto nem em nenhum outro» (344). «Cada dia bendigo mais a minha inutilidade, oxalá acabe por conseguir que ninguém se lembre de mim. E peço-lhe um favor: que, pelo Sangue de Jesus, não falem nunca bem de mim, nem se isto é prova de Deus ou deixa de ser, nem se vou pelo caminho deste santo ou do outro; nada; quem fizer isto, ofende-me. Os aplausos, para os cómicos; para os que seguimos ou queremos seguir a Cristo na Cruz, em silêncio, ajudá-los com as nossas orações e não os poupar de nenhum esforço que tenham de fazer até chegar à meta» (406). De facto, Santa Rafaela foi a sua própria crucificadora. E, nesta luta com o que ela chama «o seu amor-próprio», gastará os seus últimos anos. Diz ao Padre Mancini, numa das suas cartas: «Esta última meditação despertou-me da minha apatia. Já não quero descansar, quero lutar, e muito, com o meu amor-próprio, que Vossa Reverência me fez ver que está bastante robusto. Quero dissecá-lo». Tremendo propósito: «quero dissecá-lo!» Por isso não é de estranhar que se aproxime da morte considerando-se tão pobre na humildade: «A bolsa está quase vazia dessa maravilhosa moeda que serve para abrir as portas do céu» (503). Por sorte, Deus (e a própria história) pensou de outra maneira.

Como os dedos de uma mão

Se o tema da humildade era para Rafaela uma obsessão, não o era menos o tema da união, precisamente porque descobriu muito depressa que esta era o caruncho mais perigoso para o edifício que queria construir.

Di-lo quase ao princípio, num dos seus textos mais famosos: «Agora, minhas queridas, que estamos nos alicerces, assentemo-los bem, para que os vendavais que vierem depois não derrubem o edifício; e todas juntas, sem deixar nem uma fresta por onde o diabo possa meter a unha da desunião; todas unidas em tudo, como os dedos das mãos, e assim conseguiremos tudo o que queremos, porque temos a Deus Nosso Senhor a nosso favor» (121).

Pressentiria já as dolorosas páginas da história que teria de viver? Terá podido imaginar que essa greta se ia abrir precisamente por onde parecia mais inverosímil, pelas relações com a sua irmã, primeiro, e depois com as suas preferidas?

Em breve, de facto, aparecerá no horizonte a tensão com a Madre Pilar, e Rafaela reagirá como uma leoa, porque sabe que está em jogo toda a Congregação: «Gostava que mudasse e que não estivesse desunida; olhe que na união está a força. E, onde não há união, não está Deus. As que formos más, havemos de pagar, e vocês, que são boas, terão redobrados méritos. Perdoe-me se a ofendo nalguma coisa, não é essa a minha intenção. O que tenho é um desejo muito grande de que nos mantenhamos todas unidas, tolerando-nos sempre» (226). «Quando não há união – grita outra vez – o espírito morre» (230). E quando ainda tem esperanças de que se possa manter a união, comenta: «Deus queira que este espírito continue sempre: que toda sejamos um só coração e uma só alma, ajudando-nos umas às outras, sacrificando-nos e suportando as nossas debilidades; é a minha súplica quotidiana, porque creio que é o que rouba o Coração ao Senhor, e, se conseguirmos isto, a quem havemos de temer? (334).

O trabalho e a inacção

Finalmente, outra das grandes obsessões da Madre Rafaela foi o trabalho. Incansável, inesgotável, as suas jornadas estiveram sempre cheias. E cheias de Deus. «Não tenho tempo nem para dormir» (79), lamenta-se. «Às vezes não tenho tempo para comer» (107), diz noutro momento. «Olhe que não tenho tempo; peça ao Senhor que, se me convém, me diminua o sono» (126). Em breve já não terá de pedir isto, porque as insónias não a deixarão dormir: «A minha saúde, excelente, apesar das insónias, que tenho ouvido dar as três, mais do que uma madrugada» (172). «Tenho muito que fazer; ninguém pode sequer imaginar, mas como tudo

é para a Glória de Deus e do Divino Coração, não só não me canso como gostaria de não ter necessidade de comer nem de dormir para não interromper as minhas obrigações» (185).

Mas a vida depressa a levará a outro trabalho mais duro: o da inacção. Afastada durante trinta anos, com umas superiores que a consideram indigna das pequenas ocupações (quanto se insurgirá contra isto nas suas cartas!), entrará numa vida em que já só lhe resta o ofício de orar (mesmo continuando a repetir que a sua vocação não é contemplativa, mas mista, e exigindo que lhe sejam permitidos os trabalhos humildes). A sua vida decorrerá de maneira lenta e interminável, podendo dizer, com São João da Cruz: «que o meu exercício é já só amar».

10) Amor ao Instituto e à Igreja

Não podíamos deixar de aludir, por último, a algo que esteve sempre no centro do coração de Santa Rafaela: o amor apaixonado ao Instituto e à Igreja, de que o Instituto forma parte. Para Rafaela, a sua pessoa tem infinitamente menos valor que a sua obra; pela Congregação, qualquer trabalho é suave, qualquer dor é agradável, qualquer problema perde a importância. Alegra-se quando vê que a obra de Deus cresce; angustia-se – nos últimos anos da sua vida – porque teme ver naufragar a sua barquinha.

«Diga a todas as irmãs que cada uma delas é a menina dos meus olhos, que se amem e que nos amemos todas, e à nossa Congregação, para que Nosso Senhor esteja contente com ela. Que não haja, por amor de Deus, nem um sim, nem um não, que se acompanhem umas às outras com muita caridade» (90). O facto de a tempestade ter destruído a sua vida pessoal não tem importância. O que conta é que Cristo continua a amar a Congregação (526) e que ela «oferece tudo pela Congregação e pela união de vocês as cinco» (487).

Com uma grande experiência sobrenatural, sofre e, ao mesmo tempo, sabe manter a calma ante o que se passa no Instituto: «Está-me a deixar

nervosa com todos esses sofrimentos e medos. O que se passa? Olhe que isso parece revelar pouco conhecimento de Deus e isso não é digno de si. Leia muito as vidas dos santos e verá como, no princípio, tiveram nos seus Institutos as mesmas lutas que há no nosso. É o mais natural e não nos devemos espantar. Devemos rezar e ter muita paciência para aceitar tudo o que quiser a Divina Majestade» (290).

É isto que a mantém firme. Mesmo havendo momentos em que vê tudo escuro e teme que a obra de Deus seja destruída, nunca desaparece do seu olhar aquela visão do Instituto «suspense» dos olhos do Divino Coração. E o que não perderá nunca, mesmo nos tempos mais obscuros, é o amor concreto a cada uma das suas filhas. Com que carinhosa «inveja» fala das noviças, que começam a percorrer um caminho que ela gostava de voltar a começar! (468). E com que ternura fala das suas «velhinhas» nessa bonita carta, que é quase um testamento:

«Eu nunca me esqueço de nenhuma, especialmente das minhas velhinhas, e fico contente ao pensar que dentro em breve estaremos reunidas para nunca mais nos separarmos. Quanto falaremos então das mil misericórdias de Deus para com cada uma, e quanto nos estimularemos umas às outras a manifestar a Nosso Senhor a nossa imensa gratidão! Continuemos, minha irmã, a servi-Lo com toda a generosidade de que somos capazes, porque Ele merece, e peçamos-Lhe sempre, de todo coração, por esta Sua obra, que seja cada dia mais do Seu agrado, e por todos e cada um dos seus membros, que são nossos membros, porque todas somos fruto do amor do Seu Sacratíssimo Coração; bendito seja» (683). Seria possível dizer em menos palavras qual foi o centro do seu coração e o resumo da sua vida?

J.L.MARTÍN DESCALZO